



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FLAVIANO GRANGEIRO DE MOURA**

**HISTÓRIAS DE VIDA: SENSIBILIDADES E VELHICE NO TEMPO PRESENTE**

**GUARABIRA-PB**

**2019**

**FLAVIANO GRANGEIRO DE MOURA**

**HISTÓRIAS DE VIDA: SENSIBILIDADES E VELHICE NO TEMPO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses.

**GUABARIBA-PB**

**2019**

FLAVIANO GRANGEIRO DE MOURA

**HISTÓRIAS DE VIDA: SENSIBILIDADES E VELHICE NO TEMPO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joedna Reis de Meneses.

Aprovado em: 18/06/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joedna Reis de Meneses  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929h Moura, Flaviano Grangeiro de.  
Histórias de vida: [manuscrito] : sensibilidades e velhice no tempo presente / Flaviano Grangeiro de Moura. - 2019.  
19 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses ,  
Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Sensibilidades. 2. Velho. 3. Velhice. I. Título  
21. ed. CDD 305.26

A minha família e amigos próximos, que com paciência, compreensão e palavras de apoio, ajudou-me há tornar esse dia possível. DEDICO

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Deus, pela força e determinação, que mesmo me considerando um indivíduo de pouca fé, acredito que foi através dele que consegui tornar tudo isso possível. Tive que enfrentar várias dificuldades, pelo fato de ter que trabalhar e cumprir com outras responsabilidades. Mas, acredito que essa não seja uma realidade reservada só a mim.

Agradecer a minha família e amigos pela força e pelo apoio durante os períodos mais difíceis, onde por alguns momentos pensei em desistir. No entanto, através das conversas, dos conselhos e dos puxões de orelhas (que às vezes, fazem-se necessários) tive forças e determinação para continuar. Não irei citar nomes, no entanto quero que todos os meus amigos que estiveram comigo, me ajudando direta ou indiretamente, saibam que esse trabalho também é dedicado a vocês. Que todos os nossos encontros, conversas e discursos serviram para me tornar a pessoa que sou hoje.

Quero agradecer a minha orientadora Prof. Dra. Joedna Reis, pela paciência e compreensão, pela companhia, momentos e oportunidades que me foi proporcionada durante toda minha vida acadêmica. Quero que saiba que sou muito grato a tudo. Agradecer também a todos os professores e amigos ligados ao departamento de História, pelo afeto e amizade, pelas conversas e idéias compartilhadas. Tenho certeza, que a UEPB e todos que fazem parte dela, tem uma parcela significativa em meu crescimento profissional e pessoal.

No mais, quero dizer a todos...

Obrigado por fazerem parte da minha vida.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. TRANSIÇÃO DO VELHO PARA O IDOSO .....</b>	<b>8</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>4. O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO OU NÃO DA VELHICE .....</b>	<b>11</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA .....</b>	<b>20</b>
<b>APÊNDICE B – CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL .....</b>	<b>21</b>

## HISTÓRIAS DE VIDA: SENSIBILIDADES E VELHICE NO TEMPO PRESENTE

### STORIES OF LIFE: SENSITIVITY AND OLDER IN THE PRESENT TIME

Flaviano Grangeiro de Moura<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho objetiva relacionar a História de vida de idosos(as) com a história das sensibilidades na contemporaneidade. Onde buscaremos analisar através de pesquisas bibliográficas e entrevistas orais os diferentes aspectos, relacionados à construção de si, essas elaboradas através dos conceitos de amor, felicidade, tristeza, solidão e maturidade nas últimas décadas. Além de relacionar as análises sobre os afetos na história com a história de vida de idosos. Destacaremos o debate sobre memória na utilização da História Oral como caminho da pesquisa.

**Palavras-chaves:** sensibilidades, velho, velhice.

#### ABSTRACT

The present work aims to relate the life history of the elderly with the history of sensitivities in the contemporary world. Where we seek to analyze through different bibliographical researches and oral interviews the different aspects related to the construction of oneself, those elaborated through the concepts of love, happiness, sadness, solitude and maturity in the last decades. In addition to relating the analyzes about affections in history with the life history of the elderly. We will highlight the debate about memory in the use of Oral History as a way of research.

**Keywords:** sensitivities, old, old age.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: [flawyogr@gmail.com](mailto:flawyogr@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

As sensibilidades e a velhice estão sendo tomadas como experiências multifacetadas que se modificam através da história. A abordagem dos sentidos que esses enunciados – solidão e velhice – são capazes de produzir trazem à tona, dentre outros aspectos, um debate sobre a família, o amor, a sexualidade, e as manifestações subjetivas no mundo contemporâneo, ou seja, tem sido possível aproximar a história da solidão e da velhice com a História das emoções, dos afetos, da sensibilidade. Trata-se de um tema amplo e desafiador, mas também próximo da compreensão de que, desde a Escola dos Annales, não é mais possível trabalhar apenas os temas considerados clássicos pela historiografia, como a tradicional história política.

A proposta desse trabalho é buscar relacionar a História de vida de idosos(as) com a história das sensibilidades na contemporaneidade. Analisar através de pesquisas bibliográficas e entrevistas orais os diferentes aspectos, relacionados à construção de si, essas elaboradas através dos conceitos de amor, felicidade, tristeza, solidão e maturidade nas últimas décadas. Além de relacionar as análises sobre os afetos na história com a história de vida de idosos. Destacaremos o debate sobre memória na utilização da História Oral como caminho da pesquisa.

## 2. TRANSIÇÃO DO VELHO PARA O IDOSO

Foi possível observar em nossas leituras que a segunda metade do século XX, foi um período decisivo para os “velhos” nas classes médias das sociedades capitalistas e/ou industrializadas, inclusive no Brasil, onde fez surgir movimentos que não só criaram delimitadores dos espaços que passaram a ser ocupados pelos indivíduos nessa fase da vida, mas como também, uma nova linguagem sobre o corpo decrépito e enrugado do velho passou a ser produzidas, incorporadas mais tarde, pelas demais camadas dessas sociedades.

A priori, na segunda metade do século XIX, na França, as classes médias urbanas, começaram a substituir o termo “velho” por “idoso” em seus documentos pessoais para diferenciar os indivíduos envelhecidos bem sucedidos, dos indivíduos de classes inferiores e com padrões de vida precários. Com a chegada da aposentadoria, representando o envelhecimento e enfraquecimento biológico do corpo, passou-se a ser criados espaços para lazeres, alimentações, e em geral, produtos destinados aos “velhos”, agora “idosos”. Porém, esse movimento só passou a ser adotado no Brasil a partir da década de 1960, transformando, a partir daí, a velhice em uma nova categoria de consumo.

Por outro lado, a incorporação de novos conceitos sobre a velhice na década de 1960 no Brasil, permitiu novas maneiras de viver e pensar o envelhecimento da população. Outra transformação importante é que a rememoração das lembranças de vida desses indivíduos se tornou uma característica marcante da velhice<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver BOSI, Ecléa. MEMÓRIA & SOCIEDADE: Lembranças de Velhos. 3 ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Primeiro, porque o velho ou a velha ao rememorar, sente uma sensação de conforto por ver que as lembranças de sua vida estão sendo valorizadas pelos mais jovens; e segundo, as memórias dos velhos e velhas, são uma forma de conselho ou exemplo para os mais novos, como se a memória desses indivíduos envelhecidos se transformassem em um manual de sobrevivência que devem ser adotados pelos jovens, por esses ainda terem muito que viver. Porém, o velho ou a velha, quando têm suas memórias rejeitadas pelos mais novos, se sentem abandonados ou desvalorizados, resultando, até mesmo, numa imposição de isolamento desses indivíduos dentro dos seus espaços de convívio.

Entretanto, não podemos esquecer que com a incorporação do termo “idoso” para diferenciar os velhos das classes médias e altas da nossa sociedade dos demais sujeitos envelhecidos das classes mais baixas, o processo de envelhecimento passou a ser responsabilidade exclusiva do próprio sujeito. Rompeu-se assim, a ideia de uma velhice com rugas e cabelos brancos, dando espaços para algo pejorativo a imagem do velho, rendendo-se aos produtos da nova estética, desenvolvidos para a manutenção e preservação desses corpos, impossibilitando um conforto do indivíduo em ser identificado como velho.

Sob essa lógica, criou-se o espaço para que pudéssemos estudar a “Velhice” a partir de dois aspectos ou movimentos nessas sociedades: um primeiro movimento é o “social” ou “vertical”, incluindo aqui os aspectos econômicos, políticos e sociais que giram em torno da velhice e a criação de espaços e mecanismos de manutenção dos corpos como também da vigilância e do “cuidado de si”; e o segundo aspecto, um movimento “cultural” (horizontal) onde a velhice estará ligada a um pensamento de construção das representatividades diante dos contextos históricos e das produções de discursos, frente às identidades adotadas pelos indivíduos já envelhecidos da nossa sociedade; onde a análise das sensibilidades na velhice estará amparada, em alguns casos, pela emersão da memória através das narrativas orais dos/as velhos/as entrevistados/as nos trabalhos acadêmicos das instituições e dos campos de pesquisa sobre o tema.

A história oral irá servir como ponte entre a identificação e a compreensão dos diversos conceitos das “sensibilidades”, expostos pelas narrativas dos indivíduos entrevistados nos campos disciplinares ou instituições de pesquisa.

AMADO E FERREIRA [1996] pondera a história oral como método, onde a mesma não passa de um objeto de coletas de memórias de indivíduos diante dos fatos narrados. As abordagens na história oral não serão possíveis se não houver um acompanhamento teórico pré-selecionados, já que a mesma não possui seu próprio campo teórico que permita ser compreendida como disciplina. Além dessa perspectiva, a história oral como disciplina, seria utilizada para reafirmar os indivíduos na sociedade através do ato de narrar. Entretanto, a história oral, mesmo que apresente uma abertura para as diversas abordagens teóricas sobre as fontes, não possui por si só, autoridade de empreender grandes narrativas históricas que possam contextualizar as transformações da sociedade ao longo do tempo, atividade essa deixada para o uso da história oral quando exercida com a base teórica de outras disciplinas, servindo apenas como “ponte entre teoria e prática”. Com isso, essas narrativas devem ser representadas através de determinados fatores aos quais se pretende utilizar. Entretanto AMADO E FERREIRA, (1996. p. XIX), apresentam a história oral como “uma história das feridas abertas pela memória”, pois acreditam que “o autor cria uma polêmica acerca da natureza das fontes orais, afirmando, por exemplo, que elas, embora importantes, não possuem

mais autoridade que qualquer outro tipo de fonte”. O mesmo pensa BOSI (1979, p. 458-459), quando diz:

“Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. (...), explicar essas múltiplas combinações, (...), é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a esses malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia.”

De maneira específica, Bosi apresenta a história oral como uma técnica de coletas de dados em pesquisas, cabendo ao pesquisador se amparar nos debates teóricos os quais deve estar embasado. Entretanto, o uso da história oral pelo historiador como técnica de pesquisa requer mais que simples jogo de cintura para identificar a importância da memória individual de um sujeito para a compreensão de certo acontecimento histórico da sociedade, já que “a representação do passado que predomina na memória coletiva e individual tem uma significativa participação no governo do corpo individual e social”. (MONTENEGRO, 2013. p. 15). Neste caso, as lembranças que constituirão o processo de rememoração, estarão mergulhadas sob o aspecto da representação do passado somadas às sensações de lembranças trazidas pelo sujeito ao rememorar.

Sendo mais específico, o uso da história oral nas pesquisas sobre as “sensibilidades” na velhice pode resultar que cada lembrança trazida pelo velho/a (ou o entrevistado/a), trará em sua narrativa, a “sensação” ou os “sentimentos”, que os envolveram no momento dos acontecimentos reais, envolvendo também o entrevistador, levando BOSI, (1979, p. 38), a afirmar que no processo da história oral “Somos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagamos, procuramos saber. Objeto enquanto ouvimos, registramos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças” o que dificulta ainda mais o resultado da pesquisa no campo das Sensibilidades, já que, ao estudar os aspectos dos sentimentos na velhice sob as narrativas dos entrevistados irá requerer muito mais que uma simples interpretação de suas falas. O historiador terá que lidar com a identificação das diversas sensações trazidas pelas lembranças nos indivíduos principalmente, com a identificação da sensação da dor, do abandono, da partida de entes queridos e também das alegrias que o entrevistado sente/iu perante os momentos de sua vida nos fragmentos narrados, para que possamos compreender realmente qual sensação que o/a velho/a estará submetido/a nessa fase de sua vida.

A partir da *Escola dos Annales*, primeiras décadas do século XX, especificamente com o soerguimento da história cultural, abriram-se na historiografia mundial, espaços para debater as representatividades dos corpos e as transformações das sensibilidades ao longo da história. Entretanto, novas categorias de fontes e abordagens passaram a ser pensadas, inclusive a ser representadas pelo historiador/ada cultura, não só como fornecimentos de dados sobre um determinado evento, mas como a produção de novas linguagens para compreensão das subjetividades dos tempos, dos espaços e dos corpos na história. Para PESAVENTO (2004, p. 5) “O olhar-detetive do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens, falavam, amavam, e morriam”. Em outras palavras, este nexos pode ser acessível quando se pensa na memória como um campo de existência das representações dos acontecimentos sociais resignificados pelos indivíduos.

### 3. METODOLOGIA

Adotamos em nossa pesquisa o livro “Admirável Mundo Velho: Velhice, fantasia e realidade social” [1992] de Maria Leticia Barreto; o livro “A invenção social da velhice” [1987] de Dirceu Nogueira Magalhães; “A reinvenção da Velhice: Socialização e o processo de reprivatização da velhice” (2012) de Guita Grin Debert; “História da Sexualidade vol. 3: O cuidado de si” de Michel Foucault; além de outros textos complementares que nos auxiliaram no desenvolvimento dos nossos estudos ao longo desse ano.

Optamos por manter como base o livro “história oral e memória: a cultura popular revisitada” (2013) de Antônio Torres Montenegro, onde aqui podemos identificar que é possível reconstruir através da história oral os rompimentos das lembranças dos indivíduos sobre um determinado período em prol de uma memória individual, submetida à outra memória, a coletiva ou histórica, detrimento das transformações sociais, políticas ou econômicas, aos quais os sujeitos estavam inseridos. Onde, também em Montenegro podemos identificar a importância da história oral em situar os sujeitos como agentes construtores de uma identidade coletiva de um povo, com suas lutas, vitórias, derrotas, culturas e relações sociais que passaram a ser características da memória coletiva desse determinado grupo de pessoas que têm em comum as suas experiências de vida. Onde foram essas experiências individuais o foco de nossa pesquisa e atenção para que pudéssemos fazer delas o meio para chegarmos aos nossos objetos de estudo.

O processo das entrevistas que foram realizadas estão pautadas em um roteiro, elaborado com o intuito de manter a linearidade nos encontros realizados semanalmente. (Segue em apêndice)

Os encontros com os entrevistados aconteciam no prédio do CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) onde também eram ministradas as aulas da UAMA (Universidade Aberta a Maturidade). Esse é um projeto realizado pela Universidade Estadual da Paraíba em parceria com Prefeitura Municipal de Guarabira.

As entrevistas com os idosos voluntários, aconteciam em uma reservada pela própria direção do local, a qual era possível registrar o áudio, sem nenhuma interferência externa. Alguns encontros aconteceram na residência de alguns deles, de acordo com os mesmos, sentiam-se mais a vontade para conversar.

O público da pesquisa era composto por alunos da própria UAMA, o qual se dispuseram a participar de livre e espontânea vontade. Esses correspondiam a um homem e seis mulheres, com faixa etária de idade a cima dos 60 anos. Entretanto, na pesquisa utilizamos apenas três integrantes, haja vista a limitação da pesquisa e a quantidade de fontes. Para coleta de Dados foram utilizados: gravadores de áudio e câmera de vídeo.

#### 3.1. O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO OU NÃO DA VELHICE

A partir da década de 1960, no Brasil, surge um movimento em torno da velhice, onde as preocupações com essa fase da vida se ligaram aos contextos

econômicos e demográficos que passaram a preocupar as autoridades do período. Pois o Brasil tinha uma economia encolhendo enquanto a sua população estava envelhecendo aceleradamente.

Essa abordagem em torno do envelhecimento passou a ganhar destaque nos campos disciplinares, principalmente nas duas últimas décadas do século XX, entre estudiosos da velhice como Maria Leticia Barreto [1992], Dirceu Nogueira Magalhães [1987] e Guita Grin Debert [1999], que passaram a observar o quadro da velhice por uma perspectiva política, entendendo-a como um fenômeno biológico do corpo, implicando apenas em transformações políticas e econômicas nessas sociedades. Por outro lado, passou a existir nos campos acadêmicos e de pesquisas a necessidade de uma abordagem mais sensível do velho, onde as representações sobre a velhice fossem compreendidas como uma construção social, resultado de uma política que teve por finalidade deixar para os indivíduos das sociedades a responsabilidade com seu envelhecimento e o cuidado com seu próprio corpo, e por isso se faz necessário à desconstrução e denúncia de estereótipos pejorativos que se tornaram característicos da velhice incorporados nessas sociedades.

Nos anos fins da década de 1980, para Dirceu Nogueira Magalhães [1987]<sup>3</sup>, a população de velhos saltaria de 4,7% ou 3,31 milhões de velhos/as em 1960 para 7,6% ou 15,54 milhões de velhos/as no ano 2000. Resultado esse que só seria possível atingir devido ao modelo de produção econômica; criação de aposentadorias recompensadoras; benefícios sociais adequados; programas de conservação da saúde; estruturas institucionais compensadoras da perda de sociabilidade; formas de preservação da autonomia vital e assistência progressiva e evolutiva, na medida da perda de capacidade e funções biológicas. Porém, Dirceu, também pondera que:

É preciso pensar que o envelhecimento e as condições em que o indivíduo chega a ser velho, resultam de uma longa existência onde saúde, educação, trabalho, lazer, alimentação etc. entram no somatório dos ganhos e perdas de cada um, a partir de seu nascimento. Pensar numa velhice saudável é pensar, sobretudo nas condições que permitem ao adulto bem envelhecido, assim como pensar o adulto como resultado do jovem e deste, como a continuidade da criança. (MAGALHÃES. 1987. p. 50)

Ou seja, para Dirceu Nogueira, a velhice é uma fase que deve ser tomada pelo indivíduo a partir do seu nascimento, sendo o indivíduo responsável por seu envelhecimento e pelos problemas que a essa fase da vida se caracterizam.

Para FOUCAULT (2002, p. 53-58) esse movimento onde as responsabilidades das sociedades são transferidas para os seus indivíduos aparecerá como “uma intensificação das relações sociais”, surgindo assim uma cultura do cuidado de si, onde “o homem deve velar por si mesmo” e, que isso “é um princípio válido para todos, todo o tempo e o tempo todo” como forma de garantir o seu bem estar social e individual. Mas, Guita Grin Debert [1999] diz que essa “cultura do cuidado de si” pode ser compreendida na velhice, como um processo de “Reprivatização da velhice”, já que os cuidados com o envelhecimento do corpo e com o seu estado de preservação será responsabilidade unicamente do próprio indivíduo.

<sup>3</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- 1980. In: MAGALHÃES. D. N. **Tendências de hoje: perspectivas para política de envelhecimento**. In: \_\_\_\_\_. História Social da Velhice. Rio de Janeiro: SESC, 1987. p. 48- 56.

Contudo, passaram a ser criados nessas sociedades, mecanismos de preservação, vigilância e manutenção desses corpos, onde os mesmos passaram a adotar determinados padrões ditados nessas sociedades. Uma linguagem específica também foi criada, além de termos e ciências especiais para garantirem que esses indivíduos permaneçam adequados a esses padrões, penalizando, assim, os que fugirem dessa nova realidade social estabelecida tendendo a ser consolidada.

Entretanto, o estudo das sensibilidades não será possível de ser realizada nas perspectivas demográficas sobre a velhice, muito menos analisar o desenvolvimento e concepções das políticas públicas que passaram a ser elaboradas durante as décadas que sucederam 1960, brevemente citadas neste relatório, por estas estarem sob o crivo da análise da representação das classes econômicas e políticas, nos limitando assim, a observar a velhice e suas características por uma perspectiva de cunho cultural, onde o estudo da velhice pode ser empreendido através das sensibilidades expressas nas narrações orais e como a história oral contribui para a concretização desses estudos sobre as sensibilidades na fase da velhice.

Então, as características que poderão compor as sensações na velhice subjetivadas nas narrativas de nossos entrevistados, certamente estarão ligadas ao modo de como o/a velho/a entrevistado/a viu a vida e de como ele/a espera ser o futuro. FOUCAULT (2006), diz que “deve-se viver para ser velho”, onde na velhice a sensação e experiência de ter vivido deve ser abraçada pelo velho como um lugar seguro à espera da morte. Mas, nem sempre pertencer ao grupo dos velhos, dará uma sensação de conforto, pois a velhice pode acabar desenvolvendo no indivíduo certa fragilidade e a incerteza de qual deverá ser o seu lugar agora na sociedade. Segundo ELIAS, (1985. p. 8):

A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência os isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil- o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoadas, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança.

Os sentimentos e a valorização das falas desses indivíduos terão uma significativa importância para a desconstrução dos estereótipos que excluem e separam os velhos “dignos” ou o “idoso” dos “não dignos” (os que são considerados/as velhos/as mesmo) nos espaços de convívio dentro dessas sociedades contribuindo ainda mais com o isolamento desses indivíduos no meio social, a começar pelo núcleo familiar, onde os indivíduos ao envelhecer, perdem, consideravelmente, o seu protagonismo nesses espaços onde “muitas vezes, o velho e a velha são destituídos de seu papel de dono-dona-de-casa. Substituídos por seus filhos no comando, são despojados de coisas de suas lembranças, de seu espaço” (BARRETO, 1992. p. 30), neste caso, a velhice, trará ao indivíduo desafios diversos, principalmente quando terão que lidar com a dor da partida e/ou do abandono dos seus entes queridos, somados às perdas e experiências dolorosas dos dias pretéritos de sua vida.

Por outro lado, esses mesmos indivíduos passaram a desenvolver estratégias que os ajudem a driblar essas dificuldades. Algumas dessas maneiras é tentar se mant

erem ativos, rejuvenescidos e dispostos a acompanhar as tendências e transformações nos contextos culturais e sociais; se adaptarem aos avanços

tecnológicos e às novas formas de se relacionarem com os demais indivíduos, e buscar alternativas e políticas públicas que garantam a sua permanência e sociabilização nos espaços públicos, como veremos adiante.

Para a execução da pesquisa, realizamos entrevistas com três alunos/as da UAMA, sendo esses três, um homem e duas mulheres. Entretanto, nos cabe analisar nessas narrativas, apenas alguns trechos dessas falas onde é possível observar que concepções de velhice esses indivíduos construíram ao longo dos anos e qual a sensação de agora se encontrarem nessa fase da vida e participarem de atividades que de modo geral, se destinam, especificamente, ao público jovem, como frequentar, por exemplo, uma universidade.

Para D. Maria da Penha Bandeira dos Santos (70 anos), voltar a estudar na velhice foi uma oportunidade de recomeço e descobrir novas maneiras de pensar o mundo, e isso só é possível quando a velhice não é pensada como uma limitação para se abrir aos novos conhecimentos:

“Eu não sei o que tem essa aula, essa UAMA. Ela muda muito a cabeça da gente, sabia que muda?! Muda demais. Muda e a gente fica com outro pensamento da vida. Tenho uma amiga minha que ela deixou de ir porque o professor demorou chegar ao primeiro dia de aula. Aí ela deixou de ir. Eu disse: “Nossa Senhora, como é que pode”? O professor demorou trinta minutos, ela não foi mais. Fica em casa dormindo”; tudo bem que dormir é bom, mas a pessoa não pode tirar dois dias da semana para assistir aquelas aulas? Ave Maria! Meu Deus. Olhe essa semana uma professora deu uma aula sobre “envelhescência”, menino que aula... Aí, tem gente do céu que diz assim:” Ôh professora, está bom que eu estou com dor nas costas”, - eu não tenho dor nas costas não, sabe?!- “ôh professora, não sei o que lá, estou cansada de estar sentada”; “Eu, não! Eu não estou cansada não”. Eu acho tão bom que dá vontade de continuar naquela aula. Ave Maria, é muito boa a aula. Toda aula ali, eu gosto”. (SANTOS, 2016)

O mesmo pensamento flui de D. Odete Rodrigues Barreto (78 anos). A diferença é que para ela, mesmo com todo o incentivo que ela recebe para continuar acompanhando as aulas na UAMA, há certa preferência dos/as professores/as por pessoas que já tem um certo grau de instrução; que tiveram uma profissão específica quando jovens e que conseguem se expressar e acompanhar os conteúdos das aulas com mais facilidade que ela, por saberem ler e escrever:

“Uma coisa que era meu sonho. Quando ouvia falar em Faculdade, eu tinha uma vontade tão grande de ver um filho meu na Faculdade. Eu tinha uma vontade, eu tinha um desejo de ver um filho meu marchando. Que eu nunca tive esse prazer... Deus sabe que eu não estou mentindo não. Eu tinha vergonha de perguntar a Wanderléia o que era faculdade, porque passava só via a “casa”, mas lá dentro eu não sabia. Eu tinha a maior vontade e nunca tive a oportunidade. Daí, vim parar aqui (UAMA). Quando eu cheguei aqui, se eu soubesse que era para essas aulas assim, eu não tinha me matriculado não. Eu me matriculei pensando que era para estudar e aprender a ler, escrever... Porque eu mesmo leio uma coisinha, mas se você mandar eu ler uma carta assim, eu não sei, porque, letra de imprensa, eu ainda sei, mas letras assim, eu não sei, porque eu não estudei. Agradeço a Deus saber fazer meu nome o nome dos meus filhos. Aí, eu perguntei ao professor Mano: “é para comprar caderno, é? ele disse: “é Dona Odete, compre um caderninho”. Ele não me explicou o modo da aula, e quando começou, que eu cheguei aqui e vi ele falando e escrevendo, me deu uma vontade de ir embora, e eu disse: “Meu Deus, o que foi que eu fiz na minha vida”, mas também, não tive vergonha. Eu me abri para o professor, eu contei a ele. Eu disse a ele que tinha me matriculado por que pensava que

era para ensinar a gente a escrever alguma coisa assim, algum alfabeto. Não pensei que era esse tipo de aula. Aí, Pronto. Quando conversei com o professor Mano, aí ele disse: “Não! A senhora que vai ser o assunto da aula da gente”, e começou. Aí, Dr<sup>a</sup> Glória falou do outro canto e lá vai e todos me dando força e eu fui ficando e estou aqui até hoje. Aí, Disseram: “a primeira aula vai ser na Faculdade”. Eu disse: “meu Deus, vou realizar um sonho. Um desejo que eu tinha na minha vida. Vou realizar!” Para mim, parecia que eu ia para o paraíso. E eu disse: “estou realizando um sonho. Eu há muitos anos tinha esse desejo e essa vontade de ver e entrar em uma Faculdade, para eu ver. Por que para mim uma Faculdade era como uma igreja, como um convento, um negócio assim. Eu nunca via como era”. E realizei esse desejo que eu tinha. Quando penso que não, vou para a Faculdade de Campina, conheci e passei o dia na Faculdade de Campina! Quando penso que não chegou um povo de João Pessoa pra fazer entrevista, porque, olhe, o povo que está de dentro sabe se expressar, sabe falar direito. E uma pobre que nem eu. Eu estou dizendo isso aqui a vocês, e vocês me ignoram, eu acho que deve ser o modo de eu falar, porque eu não tive aula, eu não tive”. (BARRETO, 2016)

A narrativa de D. Odete deixa claro que há um desejo de continuar aprendendo na velhice, e que essa fase da vida pode ser um momento oportuno para a realização de projetos de vida que outrora fora abandonado e/ou impossível, naquele momento, de ser realizado. Porém, para João Costa de Sousa (74 anos), a velhice é um sinal de que o indivíduo já não serve mais aos interesses da sociedade; é sinônimo de abandono, sonhos perdidos, de solidão e discriminação:

“Eu comecei dizendo que na rua a gente se sente meio discriminado né! Mas, na verdade a gente perde estímulo, força física. Você não tem mais condições de ir para uma festa de rua e ficar em pé, como antigamente você ia. Você não se sente mais em condições de ir à um shopping e ficar andando pra lá. Você não tem mais estímulo para isso. Aí, vem às coisas dos remédios que você toma que também te deixa mais “caído”, essa não é bem a palavra, (risos). De um modo geral, o físico vai mudando, não pode mais jogar bola, como eu sempre gostei de jogar bola. Só fica só lembrando (risos). Tem uma série de coisas... Aquela discriminação que eu falei, sobre emprego... E existe outra coisa também, que é em relação a você se relacionar, encontrar alguém para se relacionar, no sentido de parceiro, casal. Fica difícil também, porque as mulheres, eu digo depois dos cinquenta e cinco, não estão querendo mais nada. Estão querendo só ficar com os filhos. Não querem se arriscar mais. E no meu caso, sessenta e cinco, tem um bocando de quarenta e cinco querendo, mas eu não vou pegar uma mulher de quarenta e cinco, só se for pra ficar um tempo, uma hora, duas horas; não pra namorar. Isso também é uma coisa difícil pra idade, pois parece que as mulheres se retraem, não querem mais... Não sei se foi porque elas sofreram, não sei. Elas não querem mais compromisso. Você ver pela sala de aula aqui: temos quarenta e cinco pessoas e apenas dois homens, você ver que elas querem outra coisa, querem aula, querem passear, querem uma vida mais livre”. (SOUSA, 2016)

Pelo o que podemos perceber nessa fala de Seu João Costa é que além de todos os problemas trazidos juntos com a velhice, relatados por nosso entrevistado, ele denuncia mais uma característica que atenta para uma análise mais aprofundada posteriormente, é a concepção da velhice vista por ambos os gêneros. Ou seja, há uma construção de como vivenciar a velhice e como também das dificuldades que ambos os gêneros encontram nessa fase.



Para compensar a falta de uma companhia para vivenciar a velhice, uma das formas, encontrada por Seu João, de fugir dos problemas que vieram junto com a velhice, é entreter-se na internet, ler livros, olhar a rua pela varanda do apartamento, se relacionar com as pessoas através das redes sociais.

“Eu tenho certeza porque estou sentindo na pele. Só que, provavelmente, quando eu era jovem também eu era assim. Porque o jovem também tem suas coisas pra fazer né! Os jovens se preocupam com futebol, com outras coisas; já o velho se preocupa com os filhos e tal. Mas sabe por quê? Porque ele é carente! O idoso ele fica carente. Ele não pode mais fazer isso e isso... Fica um espaço muito grande pra ele, é por isso que eu dedico muito o meu tempo hoje à internet; gosto muito de palestras; gosto de shows; gosto de documentários; gosto de assistir filmes... Acho que é isso. O que me preenche a maior parte do tempo é a internet. E isso é muito bom. Você viaja. Eu perco muito tempo na internet. Na televisão eu só assisto jornal e futebol, o resto não presta [...] eu moro no terceiro andar, meu apartamento tem uma varandinha onde eu gosto de ficar vendo os carros passar. Eu moro ali em frente ao Giradouro, e fico pensando “O que eu vou fazer lá em baixo? Já não tenho tanta resistência física, já não posso mais isso, não posso mais aquilo”. Aí, eu fico entretido no celular, lendo um livro, alguma coisa. Ocupo meu tempo mais com isso. Por isso que eu volto e falo sobre aquele clube que eu imaginei. Seria o ideal. Pelo menos ali, eu iria me sentir gente de novo. Com certeza!” (SOUSA, 2016)

O clube ao qual Seu João se refere aqui é um dos planos idealizados por ele para promover a interação entre os envelhecidos da cidade. Entretanto, ele sente a dificuldade de pô-lo em prática, pois há um desinteresse dos órgãos governamentais em investir em programas que se destinem e garantam o bem-estar e a sociabilidade entre esses indivíduos nos espaços públicos. Outra característica trazida por essa narrativa é a interação entre esses velhos com as novas tecnologias e o uso das redes sociais. Se para Seu João Costa essas tecnologias servem para passar o tempo e esquecer um pouco dos problemas que lhe afeta na velhice, para D. Penha, essas ferramentas são utilizadas como aparelho de monitoração (por parte dos/as filhos/as) e interação entre ela e seus entes que se encontram distantes.

Pelo que podemos perceber o uso dessas tecnologias para alguns estão contribuindo para que os indivíduos envelhecidos possam se sociabilizar com os outros indivíduos e acompanhar as mudanças que acontecem nos espaços sociais. Por fim, perguntados sobre como se sentem nessa fase da velhice e de como se identificam, esses indivíduos reforçam as ideias das construções que englobaram a imagem da velhice, a partir dos meados do século XX, e os estereótipos que se consolidaram entorno da mesma, onde a identificação com o termo “velho” ressoa como uma ofensa, pois, a ideia que vem acompanhada desse termo é que o indivíduo é inútil, já não há mais nada a oferecer, e que se tornou um peso para os familiares e para a sociedade, preferindo a utilização do termo “idoso”, pois dá uma ideia de que esses indivíduos ainda estão bem conservados e podem se manter ativos nos espaços sociais.

“Dizem que na vida para se realizar você precisa “ter filhos, plantar uma árvore e escrever um livro”, né! (Risos). No meu caso, eu só falto escrever um livro, até que ideias eu tenho para escrever um livro, mas a minha formação é baixa, nesse caso. Mas, faz muito tempo que eu gosto de música, desde o tempo do meu pai; e eu fiz umas letrinhas. Aí, tem até umas duas ou três músicas que daria pra gravar. Mas, também não tenho

mais idade pra isso. Depois da aposentadoria, que é uma palavra muito forte, muito pesada. Quando você se aposenta, essa palavra tem uma carga enorme, “velho”. E velho serve pra que? quase nada! Deveria ser diferente, porque em outros países, os velhos são bem utilizados para ensinar os jovens. Aqui, não serve para nada. Só serve para atrapalhar. Essa é a visão de muitos jovens, que é diferente de vocês (risos). Mas, para muitos jovens, acha que velho atrapalha. Antigamente, você chegava à uma praça, os velhos poderiam chegar, sentar, bater papo, conversar. Hoje, um velho não pode mais ficar em uma praça, até porque se ele ficar, ele vai ser assaltado. Não tenho dúvida que vá ser assaltado. E outras, as praças hoje estão ocupadas por outras coisas, coisas que a gente não pode nem falar muito. Mas, as praças estão ocupadas por drogas e outras coisas. E aí, sobra o que para os velhos? Jogar dominó em baixo da marquise! Isso não é velhice, né!...] (SOUSA, 2016)”.

“Antes eu tinha vergonha de chegar assim para as pessoas. Até na igreja do meu bairro, no mês de maio, quando ia chegando, os jovens diziam: “também hoje só chega velho!”, Eu ficava por lá meio triste, de ver os jovens ali dizer que só tinha velho; rezava um pouquinho e ia embora. Agora, não! Agora, se um falar, eu já sei dar a resposta. Sem briga, sem agressão, sem nada na vida. Eu agradeço a Deus pela vida que eu tenho. Da mesma forma é vocês. Se um disser qualquer coisa, agradeça a Deus por chegar à minha idade. Para vocês verem o quanto é bom a gente chegar a uma idade dessas. Como é maravilhoso chegar a uma idade dessas, setenta e oito anos. Faço todos os serviços em casa; tenho tempo para caminhar; faço física com o professor Leão; Faço parte de uma coisa, de outra e, vou levando minha vida tranquila. Teve um tempo de eu ser jovem e não tinha. O que é que eu tinha no tempo de jovem? Uma enxada nas costas, um chapéu de palha na cabeça e um cachimbo na boca. Era o que sabia! Trabalhar o dia todinho. A gente era feliz, porque não conhecia outra vida, a vida que tinha era aquela mesmo”. (BARRETO, 2016).

“Eu juro que não me considero “velha”. Fico só aperreada quando esses cabelinhos brancos aparecem aqui, mas Eliânea diz: “É a vaidade...” “É a vaidade”. Não me considero velha, não. E daqui pra frente eu quero ter mais cuidado, assim, ter cuidado com a minha alimentação também, sabe? Tenho cuidado, tenho maior cuidado em comer pirão. Não tem quem faça comer pirão. Eu tenho medo de ter AVC. Tenho maior medo de ter AVC. Eu gosto de comer aveia. E eu estou gorda, porque eu como muito pão. Mas estou deixando de comer pão. Mas eu não sei o que faço para emagrecer. Só na academia mesmo. Academia para idoso. Bem ali. Eu não posso entrar numa academia que esse menino está, né? (Se referindo ao outro entrevistador) Ave Maria, aquela dali, só se for para eu morrer. Mas a de idoso, tem ali. Eu já estou me preparando, fazendo exame de coração, esteira, tudo, porque tem que saber como o coração vai, né? Ave Maria, eu tenho muito medo de morrer. Eu quero viver bem muito. Eu quero viver e quero que meus filhos vivam também”. (SANTOS, 2016).

Pelo que podemos perceber é que a interação entre velhos e jovens parecem ser vivenciada entre conflitos. Não há trocas de experiências, e não se permitem um contato maior entre velhos e jovens, o que dificulta ainda mais, a aceitação dos indivíduos envelhecidos nos espaços ocupados pelos jovens. Por outro lado, fortalece a ideia da pejorativização da imagem do velho, onde depois da aposentadoria, ele não serve mais aos interesses da sociedade, da família, e que seus planos e anseios passam a ser desconsiderados pelos demais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1992, ao lançar o livro “Admirável mundo velho: Velhice, fantasia e realidade social” BARRETO (1992) diz que “Os velhos do século XXI já nasceram. Tem hoje 20, 30, 40 anos ou mais”. Ou seja, os jovens os quais ela se refere no início daquela década são hoje os velhos com idades acima de 60 e 70 anos, que colaboram com as narrativas orais em nossa pesquisa; são os mesmos que tinham suas atividades no meio social, pois, foram “operários e universitários, donas-de-casa ou empresários... ficaram noivos, casaram-se, tiveram filhos... assistiram à televisão, ouviram rádio, leram jornal... votaram, tomaram decisões políticas...”, e contribuíram com a dinâmica da sociedade<sup>4</sup>.

Hoje, esses velhos são resultados dessas construções históricas sobre a concepção do “ser” velho, e construíram sua própria concepção sobre a velhice; suas narrativas tendem a buscar a valorização da autoimagem e da autoestima, onde para esses indivíduos, isso só será possível se sentirem ativos, de alguma maneira, na sociedade; e para as/o nossas/o entrevistadas/o, fazer parte de uma Universidade, com conteúdo específico, e ter acesso a novos conhecimentos, é uma das maneiras de mostrarem para a sociedade e para si mesmos, que possuem a capacidade de acompanhar as transformações nos contextos culturais e sociais que modificam os espaços públicos e a relação social entre velhos/as e jovens; velhos/as e família; velhos/as e políticas públicas; velhos/as e religião, velho/a e vida.

Entretanto, se faz necessário um olhar mais detalhados para esses fatores; se faz necessário uma maior sensibilidade dos indivíduos jovens em relação às experiências de vida e os sentimentos que são trazidos por esses velhos em sua velhice. Se fazem necessário ampará-los e buscar junto a eles, uma maneira de fazê-los interagir nos espaços sociais sem ter que desfazer ou se envergonharem das rugas que encobrem os seus corpos, sinais de uma vida inteira de luta, mas que ainda tem muito a nos ensinar.

#### REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. e FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998 [1996].
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BARRETO, Maria Leticia Barreto. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de Reprivatização da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004 [1999].
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). **“Apresentação”** in: \_\_\_\_\_. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998[1996], pp vii – xxv.

---

<sup>4</sup> A citação que Barreto fala é expressa no modo verbal do tempo presente: “São operários e universitários, donas-de-casa ou empresários... ficam noivos, casam-se, têm filhos... assistem à televisão, ouvem rádio, lêem jornal... votam, tomam decisões políticas...”. BARRETO (1992)

- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001[1982].
- FOUCAULT, Michel. **A Cultura de Si**. In: \_\_\_\_\_. História da sexualidade 3: O cuidado de si. 7<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 43-74.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. 2<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006 [1968].
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3<sup>a</sup> Ed. Campinas: UNICAMP, 1994
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: SESC, 1987.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Contexto, 2013 [1992].
- OLIVEIRA, Paulo Salles. **“Memória e Sociedade”**: Ciência poética e referência de humanismo. *Psicol. USP*, São Paulo. Jan/mar. 2008, 19(1), 51-58.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, S. J.  
**Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne]**, Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulté le 12 juin 2016. Disponível em <<URL: [<http://nuevomundo.revues.org/229>>>>, acessado em 11 de junho de 2016.](http://nuevomundo.revues.org/229)
- POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos -10. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In Estudos Históricos -10. Rio de Janeiro: V.2, n 3, 1989. p. 3-5.

## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Qual o ano do seu nascimento?
2. Quais as lembranças da sua infância?
  - 2.1 Costumava brincar? Quais a brincadeiras? Ou já trabalhava desde pequeno(a)?
  - 2.2 Se, brincava... Era com amigos(as) lembra de alguém?
  - 2.3 Se, trabalhava... Era onde e como?
  - 2.4 Estudavam, onde?
3. Em que cidade nasceu e por qual motivo veio morar em Guarabira (lembra de como era a cidade, as principais ruas, praças, igrejas? --- O que se lembram da cidade antes)
  - 3.1 Lembram da chegada do trem na cidade? Provocou muitas mudanças? E a luz elétrica? Lembram se na infância ou juventude quando ela chegou?
  - 3.2 E o calçamento das ruas?
4. Durante a juventude: Estudavam, trabalhavam, passeavam?
5. E os namoros as paqueras?  
(Se solteiros a vida toda – não perguntar sobre casamento)
6. Casou quando? O que se lembra deste dia e dos primeiros anos?
7. Quando chegou a maturidade, a idade adulta, o que se lembram dessa época da vida? O que gostariam de falar?
8. Em algum momento da vida (infância, juventude, maturidade, quando foram ficando mais velhos) se sentiram sozinhos? Lembra de se sentirem só?

## APÊNDICE B – CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_, (Estado Civil) \_\_\_\_\_, (Profissão)  
 \_\_\_\_\_,

CPF: \_\_\_\_\_, Identidade: \_\_\_\_\_, residente à  
 rua \_\_\_\_\_,

declaro ceder a \_\_\_\_\_ o depoimento  
 concedido no período de \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_, com  
 duração de \_\_\_\_\_ horas gravadas perante os pesquisadores

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar e publicar  
 para fins científicos e culturais o mencionado documento, no todo ou em parte,  
 editado ou não, bem como permitir o acesso ao mesmo, para fins idênticos, com a  
 única ressalva de indicação de fonte e autor.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

\_\_\_\_\_  
**Depoente**